

CENTRO TECNOLÓGICO INSTALADO NA MARINHA GRANDE É UM DOS ALIADOS DO SETOR

# CENTIMFE AJUDA INDÚSTRIA A REFORÇAR COMPETITIVIDADE



A indústria dos moldes “ganhou” um forte aliado em 1991 com a criação do Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos (Centimfe). Com sede na Marinha Grande, e com mais de 230 associados, tem a missão de “trabalhar com as empresas, sendo um interface entre o que se designa de sistema científico (as universidades, os centros de investigação, os centros de I&D das empresas) e as próprias empresas”, refere o diretor-geral do Centimfe em entrevista ao REGIÃO DE CISTER.

Em síntese, o Centimfe procura “antecipar aquilo que são as neces-

sidades das empresas em termos de desenvolvimento tecnológico e competitivo para se diferenciarem dos concorrentes internacionais e tenta antecipar aquilo que são os conhecimentos e as tecnologias o mais rapidamente possível e desenvolver essa capacidade de oferta no imediato”, acrescenta Rui Tocha, falando numa espécie de “parceiros das empresas para o desenvolvimento de soluções”. O Centimfe “tenta perceber aquilo que são as necessidades das empresas para se diferenciarem e poderem posicionar-se junto dos clientes de outra forma mais competitiva”, resume.

Com um conjunto de recursos humanos e tecnológicos e uma vasta rede internacional de parceiros, o Centimfe representa as necessidades das indústrias de moldes, ferramentas especiais e plásticos, atuando em várias áreas de intervenção, como Desenvolvimento e Engenharia, Industrialização e Produção, Fabrico Aditivo/impressão 3D, Formação Especializada e eventos corporativos. Reconhecido como Centro de Tecnologia e Inovação (CTI), integrando o Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, o Centro “tem, muitas vezes, um papel que não se vê, muito importante”, considera o diretor-geral.

Sobre a evolução do setor, Rui Tocha observa “o caminho fabuloso” trilhado pela indústria. Do ponto de vista tecnológico, “as empresas conseguem fazer qualquer molde e isso foi um salto gigantesco. Por isso é que duplicaram a faturação e as exportações desde 2010 até 2018”, observa o também docente universitário. Relativamente à indústria automóvel, com impacto mundial, e à dependência que a indústria de moldes tem dela, a opinião é clara: “Temos de tentar por todos os meios fazer uma diversificação, a indústria automóvel vai reduzir, não podemos estar à espera que volte a reanimar-se e agora é um trabalho de nicho,

esforço, grupo, competências, contactos e afirmação”. “Nunca como hoje foi tão importante trabalhar em conjunto. Faz cada vez mais sentido uma política de clusters, que devia ser ativada em Portugal de uma forma muito séria, procurando aliar os parceiros. Temos de criar valor, produtos e competências e esse trabalho está por fazer. Temos de trabalhar mais em conjunto”, vinca.

#### Semana dos Moldes

É também o Centimfe, em conjunto com outras associações setoriais, que organiza a Semana de Moldes, de dois em dois anos. “É o ponto alto da nossa promoção internacional, porque

congregamos várias conferências internacionais que nos permitem fazer a atualização do que se está a fazer no mundo inteiro”, refere Rui Tocha. O painel de debate “Indústria de Moldes: O desafio da competitividade na Europa”, que reuniu representantes de vários países, em novembro do ano passado, na Marinha Grande e em Oliveira de Azeméis, possibilitou perceber que “o futuro ainda apresenta muitos obstáculos, que os desafios e a situação atual dos nossos congéneres europeus são semelhantes à nossa, e que questões como a cooperação e diversificação de mercados serão fundamentais para o sucesso futuro”. >>



## União de Freguesias de Pataias e Martingança

Contactos

244 589 156 • geral@ufpm.pt • Largo do Cruzeiro, 2445-261 Pataias

ufpm.pt



### Futuro e tecnologia

Sobre o futuro, o diretor-geral do Centimfe prefere não antecipar grandes cenários. “Podemos ter uma estratégia de desenvolvimento, mas o mundo está numa transformação muito grande neste momento”, observa Rui Tocha, para quem “há uma grande dificuldade neste momento, para os políticos e gestores, em decidir e sempre sob escrutínio”. Com uma “concorrência feroz” e com a “Europa nas mãos de uma anarquia económica”, em que “países com condições que não temos estão a derreter a capacidade produtiva industrial da Europa”. Pelo que, acredita o docente universitário “será necessário de tomar medidas em conjunto, sob pena de decisões muito difíceis e irreversíveis”. “O caminho tem de se fazer com os pés no chão e mesmo assim as empresas podem fechar de um momento para o outro. Há empresas que vão fechar, nós po-

demos fechar... a incertezas é muito grande”, acrescenta.

Sobre as tecnologias da inteligência artificial, Rui Tocha não tem dúvidas de que “o que está a acontecer é algo natural, ou seja, aproveitar as tecnologias para poder fazer coisas

### ***Diretor-geral do Centimfe considera essencial que haja mais trabalho em conjunto, defendendo uma política de clusters em Portugal para criar mais valor***

que tenham valor”. “Na indústria de moldes sempre usámos as tecnologias mais avançadas porque era a forma de se diferenciar dos concorrentes”, relata o diretor-geral do Centimfe, alertando que “as tec-

nologias são cumulativas, não são disruptivas”. “Essa integração das tecnologias é perfeitamente normal, quanto mais depressa a adoptarmos melhor”, acrescenta. Ainda assim, “há muitos riscos”, alerta, até porque, “a legislação normalmente vem atrás dos problemas e haverá ainda muitos ajustes”, refere. É, por isso, que a ligação entre a ciência e a indústria é importante. “Os clientes pedem tecnologia e soluções às empresas que não são possíveis. Essas soluções estão a ser investigadas e trabalhadas como a questão da incorporação dos resíduos para a economia circular. É muito bonito, mas não há resíduos suficientes para fazer reciclagem e com qualidade. Há muito desenvolvimento científico e tecnológico que vai exigir inteligência artificial e outras coisas para que possamos caminhar para a ambição de crescimento da sociedade”, conclui.